

O JECA SEM POSSES: as condições sociais para a transformação do Jeca Tatu em Zé Brasil

André Luiz da Silva¹ , José Wellington de Souza¹ 

RESUMO

Neste artigo o objetivo foi analisar o processo, as condições e as referências que o escritor Monteiro Lobato recebeu ao longo do tempo, em uma perspectiva sócio-histórica, para compreender como, após ter criado a figura do Jeca Tatu com uma conotação pejorativa do caipira, o escritor criou o Zé Brasil, reabilitando o Jeca e enfatizando a dimensão política. Metodologicamente, a pesquisa foi realizada a partir de análise documental da obra de Monteiro Lobato e de sua produção epistolar. Na revisão da literatura, considerou-se o estudo de sua estadia nos Estados Unidos e de suas impressões acerca das condições norte-americanas para o desenvolvimento. Foi considerado também o contexto de sua produção literária ao criar o Zé Brasil. Concluiu-se que a transformação do Jeca Tatu em Zé Brasil ocorreu no âmbito do processo histórico e da contextualização da trajetória do escritor e de sua busca para compreender e transformar o Brasil. Essa transformação envolve diretamente a questão agrária no país e a busca por alternativas econômicas para o país.

Palavras-chave: Literatura e Política, Estados Unidos, Monteiro Lobato, movimento sanitário.

O JECA WITHOUT POSSESSIONS: the social conditions for the transformation of Jeca Tatu in Zé Brasil

ABSTRACT

The aim of this article was to analyze the process, the conditions, and the references that the writer Monteiro Lobato received over time, in a socio-historical perspective to understand the way in which, after having created the figure of Jeca Tatu with a pejorative connotation of the caipira, the writer created Zé Brasil, rehabilitating Jeca and emphasizing the political dimension. Methodologically, the research was carried out from a documental analysis of Monteiro Lobato's work and his epistolary production. In the literature review was considered the study of his stay in the United States and his impressions about the North American conditions for development. The context of his literary production was also considered while creating Zé Brasil. It was concluded that the transformation of Jeca Tatu into Zé Brasil took place within the scope of the historical process and the contextualization of the writer's trajectory and his quest to understand and transform Brazil. This transformation directly involves the agrarian question in the country and the search for economic alternatives for Brazil.

Keywords: Literature and Politics, United States, Monteiro Lobato, Sanitary Movement.

¹ Universidade de Taubaté- UNITAU

Autor Correspondente: André Luiz da Silva
E-mail: interiworld@gmail.com

Recebido em 06 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

INTRODUÇÃO

Com a dissolução do Movimento Sanitarista, corroído em suas próprias bases pela disputa empreendida por neolamarkianos e mendelianos a partir de meados dos anos 1920, Lobato abandonou as descrições racialistas que criou sobre o Jeca Tatu durante seu período em ação no Movimento Sanitarista. Aproximou-se, nos anos subsequentes, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), por meio de Luís Carlos Prestes, após perder parte considerável de suas posses investindo na bolsa de valores norte-americana, em 1929, quando ainda era adido comercial do Brasil nos Estados Unidos. A partir desse ponto, pretendeu-se, neste artigo, analisar as condições para a constituição da última perspectiva de Lobato sobre o Jeca, que sob a pele de “Zé Brasil” renasce como trabalhador sem-terra, explorado pelo proprietário, em livro lançado pela Editora Vitória, do PCB, em 1947.

Em sua obra *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko (1999) analisa a função dos escritores na transformação social para além de suas percepções. Trata da relação entre a Literatura e a Ação Pública a partir da análise das obras de Euclides da Cunha e de Lima Barreto, do início do período republicano brasileiro. Para Nicolau Sevcenko (1999, p. 246), “O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor”. Desse modo, para compreender a percepção da realidade social que o escritor manifesta em suas obras é fundamental percebê-lo como um sujeito histórico, plenamente inserido no contexto social que é, ele próprio, crivado de transformações, ao longo do processo histórico.

O OLHAR DISTANTE: PARÂMETROS DE LOBATO PARA OLHAR O JECA

Segundo Edgar Cavalheiro (1967), Lobato embarcou para os Estados Unidos cheio de empolgação com as possibilidades daquele país e com a forma como a sociedade norte-americana progredia economicamente. Lobato era particularmente obcecado pela figura e pelo método de produção de Henry Ford, do qual já havia traduzido a bibliografia para o português. O escritor acreditava que, com o modelo fordista, todos os envolvidos no processo produtivo e comercial sairiam ganhando. O operário ganharia com salários crescentes; o consumidor, com a aquisição de produtos baratos e de boa qualidade; e, por fim, o empresário teria uma base segura de lucros. Segundo seu biógrafo mais próximo, Lobato acreditava que “[...] posta nesses termos, a indústria deixará de ser o Moloche devorador de milhões de criaturas em benefício dum núcleo de nababos” (CAVALHEIRO, 1967, p. 291).

Ao chegar à América do Norte e conhecer pessoalmente a indústria automobilística em Detroit, Lobato, então adido comercial, acreditou ter descoberto o segredo para o desenvolvimento econômico da nação americana, que tão drasticamente a distinguia do pobre Brasil: a exploração e a produção de ferro e de petróleo. “Máquinas se fazem com ferro e é com petróleo que elas se movimentam. Ferro e petróleo. Eis o binômio salvador” (CAVALHEIRO, 1967, p. 295).

Os sonhos encantados de enriquecimento fácil na “terra das oportunidades” ruíram junto com a bolsa de Nova York, em 1929. A América não parecia ser mais o país do futuro eugênico apregoado pelo autor três anos antes; o fordismo não reverteu o colapso promovido pelo “deus Moloch” do capital, a quem, em honras, incineravam-se fortunas. Para tentar aplacar a sede da bolsa e tentar reverter suas perdas, Lobato acabou por vender suas ações da Companhia Editora Nacional. Porém, não teve sucesso (CAVALHEIRO, 1967, p. 298).

Diante da falência e preso a um emprego comissionado, do qual dependia toda sua renda, Lobato mais uma vez voltou-se para a literatura, no intuito de ganhar dinheiro como escritor, produzindo literatura como bem de consumo, e não como arte. Escreveu *América*, publicado em 1932, com suas impressões sobre os EUA. No livro, Monteiro Lobato elogia o modelo americano, apesar de seu desastre econômico pessoal, além de traçar comparações entre Brasil e Estados Unidos, amparado na tese da exploração do ferro e do petróleo.

Emprega a raça para explicar as diferenças entre as duas nações, mas por um viés diferenciado, por vezes confuso. O inglês fictício já apresentado em *Mr. Slang e o Brasil* (LOBATO, 1968) volta em *América*, para dar continuidade às contraposições entre as duas civilizações, latina e saxã, materializadas nas duas personagens, ao longo de seus diálogos, e marcadas pela dificuldade genética do latino em entender o modo de vida saxão (LOBATO, 1951). Lobato trata dessas distinções raciais como se fossem estabelecidas, antes por uma adaptação ao clima, do que por uma hierarquização evolutiva linear.

É certo que diferenças no caráter racial são expressas aqui, mas ao que parece são diferenças relacionadas a adaptação ao clima, o que acaba por criar quase que um caráter nacional ou de um povo. A personagem carioca do livro diz a Mr. Slang:

Creia, meu amigo, cada vez que venho de uma estada longa em país tropical, trago a alma envenenada pelo verdete das arvores – venho bebado, literalmente intoxicado e exausto. Daí minha teoria de que apenas encontram encantos num país tropical o bugre e o negro d’Africa. Só com milênios de adaptação ao verdete eterno pode uma criatura imunizar-se contra o veneno (LOBATO, 1951, p. 94).

Seria esse caráter climático nacional o fator responsável pelo subdesenvolvimento do Brasil? É certo que Lobato apresenta forte pendência para a eugenia negativa, lamentando o fato de a sociedade contemporânea, mesmo a norte-americana, não fazer uso dos métodos de contenção dos disgênicos. Andando por Washington, o carioca observa, no *Lincoln Memorial*, as personificações da liberdade, da fé, da esperança e, dentre elas, da caridade.

No entanto, apostar em técnicas de eugenia negativa, ou, mais do que isso, esperar nelas a redenção para o futuro da humanidade significa, em última instância, apostar unicamente em definições mendelianas de raça? Ao descrever as condições de vida de um agricultor norte-americano, Monteiro Lobato parece apontar para outros fatores, ao comparar o homem do campo dos dois países e tentar buscar as causas para os diferentes níveis de desenvolvimento econômico.

O Jeca trabalha tanto ou mais do que seu equivalente norte-americano. A que se deve, então, a divergência entre os níveis de desenvolvimento econômico e de reprodução material da vida, que dão ao agricultor nos Estados Unidos a possibilidade de usufruir das máquinas mais variadas para o conforto de sua existência? É Mr. Slang quem oferece a resposta:

– Tudo consequência lógica do aumento da eficiência do homem graças ao uso progressivo da máquina. Segundo os cálculos, está o americano com um índice de eficiência igual a 42, quando o do europeu é igual a 13 e o do homem natural é igual a 1. Cada americano produz tanto quanto 42 homens naturais, isto é, 42 homens desmaquinados, que só usam os músculos que Deus lhes deu (LOBATO, 1951, p. 67-68).

O problema seria então o do homem brasileiro, o Jeca, produzir tanto quanto o “homem natural” produz, tendo por “máquina” apenas a enxada, a foice e o arado, enquanto o “Jeca americano” tinha todo um maquinário à sua disposição, maximizando seus esforços de trabalho e ajudando-o a multiplicá-los por 42. É importante lembrar que esses elogios foram escritos em 1929, antes da crise de superprodução, embora estejam contidos no texto publicado em 1932. Mas, no final das contas, o que fazia do americano um povo com máquinas tão maravilhosamente capazes de elevar o esforço humano e transformá-lo em vasta produção? Por que o homem brasileiro era incapaz de tal proeza? Lobato pergunta e tem de Mr. Slang uma resposta: o clima.

– Não entendo, Mr. Slang, disse eu por fim. Também lá no Brasil não fazemos outra coisa senão trabalhar, desde que Pedro Alvares pôs pés em terra – e, no entanto, não enriquecemos. A riqueza nacional do Brasil é de apenas 40 milhões de contos. Por quê?

– A soma de trabalho feito no Brasil é mínima comparada com a feita aqui. Falta a vocês o grande estimulante do trabalho, que é o inverno. O homem só produz o bom trabalho que dá para a subsistência e sobra para ir-se acumulando em

riqueza, quando o inverno está atrás dele com chicote em punho. É o frio o supremo criador. Dele saiu a economia, a previdência, a cooperação. O meio de sobreviver é um só: acumular nas estações amenas para não perecer na estação morta. A gente das terras quentes, não se vendo sujeita a essa chibata jamais aprende a acumular – além do que possuem um trabalho de muito fraco rendimento. O melhor das energias é gasto na luta contra o calor depressivo, pois que a boa arma nesse combate se chama “inação” (LOBATO, 1951, p. 84-85).

A resposta é, definitivamente, pouco original, e remonta às críticas aos trópicos feitas no século anterior por autores europeus. A novidade, entretanto, aparece no desenvolvimento da questão, em que Lobato procurou dar ares positivos, ou ao menos não tão negativos, à inadaptabilidade aos trópicos. Nessa nova interpretação, a raça não aparece como fator facilitador da vida nos trópicos, como acontecerá em Gilberto Freyre, tampouco como fator definitivamente impossibilitador do progresso dos homens mestiços. Lobato liberou o peso da responsabilidade e o transferiu para o clima. “Veja como o homem do norte, que nada pôde fazer na sua terra estorricante, prospera no sul, quando emigra” (LOBATO, 1951, p. 86). O eu poético de Lobato pergunta para Mr. Slang se o clima seria um fator que justificasse a ausência de ânimo para o trabalho por parte dos homens nos trópicos.

– Será assim, Mr. Slang? Quer dizer que justifica a indolência?

– Justifico. Simples arma. Meio de sobreviver nos trópicos. Trabalhar muscularmente num dia calmoso equivale a somar ao calor ambiente, já excessivo, o calor da combustão animal acelerada. Dessa soma sai... incêndio. Daí a defesa. Para evitar o incêndio, surge a mamparra, a preguiça, o fugir do corpo, o corpo mole, o fumar á custa do patrão e todas as mais formas pitorescas de escapar do esforço que mata.

Sob a ação do frio, dá-se o inverso. Ou o homem movimenta os músculos ou entangue. Torna-se o trabalho um sadio prazer, hábito, remédio (LOBATO, 1951, p. 85-86).

Mas seria o clima a única causa responsável pelo marasmo e pelo subdesenvolvimento do Brasil e pelo desenvolvimento dos Estados Unidos? Lobato pergunta a Mr. Slang:

– Não há nunca uma causa única para qualquer fenômeno, respondeu Mr. Slang, e sim um feixe de causas concorrentes. Numerosas convergiram aqui para criar esta America que está abrindo a sua boca – e não deixa de fazer o mesmo ao resto do mundo [...] Hulha a dar com pau, e ótima. Petróleo em verdadeiro mar subterrâneo. Minerio de ferro aos bilhões de toneladas. Tudo... E sobre o imenso territorio assim rico em reservas minerais, o homem sadio dos países invernosos, diligentes, ativo, herdeiro de longa experiência do que é o chicote do Inverno que já cantou no lombo da longa série dos seus avós. Homem de raças apuradas pela neve; terra arável; óxido de ferro e carbono em profusão; com elementos básicos desta ordem, não admira que o americano fizesse o que fez [...] Do oxido de ferro o saudável homem daqui tira o aço. Com o aço cria a maquina, isto é, a astuciosa maneira de multiplicar tremendamente a força do musculo, ou substitui-lo no trabalho. Depois, por meio da hulha e do petróleo – formas de carbono – produz a combustão que desenvolve a energia mecânica com a qual move a maquina. Deste modo domina a natureza, mobiliza-lhe as reservas ocultas no seio da terra e transforma-as em utilidades – em riqueza (LOBATO, 1951, p. 86-87).

Ao substituir a enxada e o arado pela máquina, o Brasil poderia se tornar um país desenvolvido e nada mais poderia impedir-lhe o progresso, desde que tivesse *Petróleo e Ferro*, o que, não por acaso, tornou-se a obsessão política e econômica de Monteiro Lobato nos anos subsequentes. Apesar disso, o Brasil não havia se empenhado em descobrir os minérios que possuía e a potência adormecida que poderia vir a tornar a nação motorizada. Ainda estava inerte: “O Brasil, por exemplo, está ainda nos cueiros porque nunca os seus estadistas e capitães da indústria meditaram no assunto carbono. Eu, fosse ditador na sua terra, suprimia vários ministérios inúteis e criaria o que está faltando – o Ministério do Carbono” (LOBATO, 1951, p. 88).

Apesar disso tudo, a questão racial não está totalmente ausente. Ele comenta, horrorizado, o caso de uma americana que abandonou marido e filhos ao descobrir que desposara um homem com antepassados negros, ou, no dizer de Monteiro Lobato, com “uma remota gota de sangue africano” (LOBATO, 1951). Pergunta a Mr. Slang se ele não achava exagerado esse racismo puritano, e o fictício inglês responde:

— Não sei, respondeu Mr. Slang, que apesar de inglês participava bastante do preconceito racial americano. Não sei se não será isto um instinto da raça que se defende. Cruel, confesso. Cruelíssimo, neste caso. Mas os altos interesses da pureza racial não estarão acima dos pequeninos interesses do indivíduo? (LOBATO, 1951, p. 203).

Essas afirmações sobre o caráter racial de um povo, sobre a possível prevalência de interesses instintivos da raça sobre o indivíduo, são, sem dúvida, um elemento complicador no processo de entendimento da função do elemento racial como fator explicativo do devir humano em *América*. O elemento racial, destacado nas páginas anteriores e substituído pela complexidade de múltiplos elementos causais, dentre os quais o clima e a não exploração de petróleo e ferro, reaparece na fala de Mr. Slang como fator determinante. Mr. Slang teria razão, e seria mesmo a pureza racial o elemento determinante para o comportamento humano? Lobato não responde imediatamente à questão posta pela personagem, e a discussão sobre raça segue no capítulo adiante, iniciado com dúvidas sobre a existência de raça(s):

A conversa caiu sobre raças. Haverá raças? Que é raça? E ainda debatíamos esse tema quando chegamos à Biblioteca Publica da Quinta Avenida. [Da biblioteca observavam] As moças que trabalham dirigem-se ao milhares para as estações de subway, ou esquinas onde param os ônibus. Que magnificas criaturas são! Altas, esguias, solidas de pés, brancas de verdade, musculos com as soplesse que dá a ginastica. Sente-se a boa origem racial, a boa alimentação vitaminada e a vida higiênica – tudo dando como resultado saude (LOBATO, 1951, p. 205-207).

A dúvida posta por Monteiro Lobato parece ser logo sanada com a afirmação da magnificência das mulheres americanas, “brancas de verdade”. Logo depois do elogio de Lobato às mulheres brancas, Mr. Slang elogia as mulheres negras:

Só na Africa vi mulheres lindas como aqui, desta lindeza que só a saúde dá.

— Na Africa? Afirmei desconcertado. Que ideia!

— Na Africa, sim. Os negros, sobretudo em certas zonas de condições climáticas favoráveis, são animais perfeitos. Com alterar e infringir o que ha de natureza em nós, a civilização nos vai deformando. A americana é este belo animal porque, graças á higiene, está cada vez mais se voltando a natureza, ao ar livre, ao exercício muscular, a satisfação normal dos seus “urges” orgânicos”. Quando as religiões cederem lugar ás prescrições da Eugenia, será a America o campo mais propicio para a florescência do homem de amanhã, animal muito mais belo que o de hoje (LOBATO, 1951, p. 208).

Os comentários são confusos, uma vez que parecem apontar para um elogio à eugenia positiva e a uma relativização da valorização racial, de forma que a raça é perfeita simplesmente porque está perfeitamente adaptada ao ambiente. Os argumentos seguintes tornam a definição de raça e de eugenia ainda mais confusas nos escritos de Lobato, pois ele prossegue tratando do caráter disgênico do cidadão norte-americano, e faz Mr. Slang dizer:

Repare no homem que passa. Irregular de feições, irregular na estatura, visível, evidentemente “mal feito”. Sempre me impressionei com isso, com a feiura que trouxe para a humanidade a religião e as morais saídas da religião. [...]. [feiura]... apenas minorada de leve com os avanços da higiene, Mas não basta a higiene. Temos de chegar á Eugenia. Esta sim. Esta será o grande remedio, o depurativo curador das raças. Pela Eugenia tere-mos afinal o homem e a mulher perfeitos- perfeitos como os cavalos e éguas de puro sangue (LOBATO, 1951, p. 208).

Mas Lobato acaba mesmo por determinar o atraso e a pobreza no Brasil como resultado da inexistência de uma indústria de ferro, assim como de uma indústria petrolífera. Desde 1928, a questão do ferro aparece como algo central para Lobato, e seu contato com a cidade de Detroit, com a *Ford* e com os novos métodos metalúrgicos. faz com que se encha de esperanças sobre as condições para o desenvolvimento futuro do

Brasil – entusiasmo que só cresce ao longo dos anos seguintes. Em carta enviada a Alarico Silveira, Lobato demonstra longamente as dificuldades de se produzir ferro no Brasil, o que impedia o desenvolvimento econômico do país:

O problema parecia-me insolúvel e cheguei a descrever por completo no futuro do Brasil. Cresceríamos, sim, mas a moda chinesa- em população e miséria. Vi falhares todas as tentativas de metalúrgica, desde as iniciadas por D. João Sexto até a última, de Uchoa, em S. Paulo. E descri. Pareceu-me que um fado safado condenava-nos ao suplício de possuímos 23% do minério de ferro do mundo e termos de comprar quanto prego e alfinete necessitamos para irmos remendando as nossas coisinhas (LOBATO, 1972, p. 95).

De acordo com o escritor, o problema parecia insolúvel, como manifestou nessa missiva. No entanto, essa percepção não o impediu de continuar tentando uma solução.

A TRANSFORMAÇÃO DO JECA TATU EM ZÉ BRASIL

A solução para os problemas de subdesenvolvimento do Brasil, para Monteiro Lobato, no início dos anos de 1930, passava pelo ferro. Todo país tecnologicamente desenvolvido e economicamente rico tinha, por necessidade, que ter desenvolvido um sistema nacional de extração de minérios e de transformação desse minério em ferro. É o que Lobato defendia em artigos publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1931, reunidos no mesmo ano em *Ferro* (LOBATO, 1931/1956). Nessa coletânea, o autor apresenta seus principais pontos sobre as questões ferrífera e siderúrgica, consideradas centrais para o desenvolvimento nacional, em vez dos problemas até então defendidos por “curandeiros”, como as questões políticas ou sanitárias. O próprio Lobato assume, no texto, a “culpa” por ter comungado de opiniões parecidas:

Temos sido até aqui, nós curandeiros, o agricultor que ataca brocas e pulgões com pósinhos milagrosos e esquece de, pelo adubo, restaurar a vitalidade da planta anêmica. É tempo de fazer como o outro.

Indispensável nos penetrarmos uma vez para sempre, da grande verdade: *nosso problema não é político, nem racial, nem climatérico, mas pura e simplesmente econômico* (LOBATO, 1956, p. 246).

Ineditamente, Lobato apresenta a crise econômica como causa do subdesenvolvimento, e o homem brasileiro, especialmente o homem rural, como consequência disso. No caso específico deste estudo, é importante atentar para a exclusão do último tópico, raça, do rol dos elementos daninhos à nação, o que acontece de forma indubitavelmente nova no pensamento social brasileiro, ou ao menos em Lobato, que desde 1918 estava às voltas com definições raciais e soluções raciais para o Brasil. Assim, Monteiro Lobato, em *Ferro* ele pondera:

Enriqueça-se a mais miserável família de jecas que vive lá num fundão malarico do Amazonas, gente sem resquícios de cultura, semi-nua, roída de verminoses, negativa como elemento de produção – e, automaticamente, no correr do tempo, a metamorfose será completa. Os doentes se curarão, os descalços se calçarão, os iletrados se educarão, e o país se verá acrescido de enérgicas unidades positivas.

Empobreça-se, à job, uma família rica e bem educada, forçando-a a deixar a nobre situação em que vivia pela situação miserável do caso anterior. Em breve prazo a doença os empolgará a todos, o analfabetismo destruirá a todos, o analfabetismo destruirá nas gerações sucessivas as aquisições dos antepassados, tudo será lazeira [...] (LOBATO, 1956, p. 247-248).

Lobato inverte os polos da causalidade apresentada em o Jeca Tatu, ou Jeca Tatuzinho. Agora não é mais o Jeca curado e sanitarizado que se torna um empreendedor capitalista de charuto à boca e caminhão *Ford* na garagem; ao contrário, o Jeca enriquecido e “fordizado” é que se tornará, com o tempo, o Jeca curado e sanitarizado. Não é o homem que constrói a nação, mas a condição econômica da nação é que constrói o homem. Além disso, não há mais lugar para o pensamento racial, nessa perspectiva de 1931, que é jogado

para o escanteio, junto como o clima, dando lugar ao clamor pela exploração adequada dos recursos naturais, especialmente o ferro, na sociedade moderna.

É preciso que se diga que essa substituição de causas raciais por causas econômicas restringe-se a Lobato, uma vez que a questão racial ainda seria longamente discutida por Gilberto Freyre, especialmente em seus dois primeiros livros, anos depois: em *Casa-Grande & Senzala*, de 1933, e em *Sobrados e Mucambos*, de 1936. Mas, para Lobato, “[...] civilização é maquinização. Grande país hoje é país que se maquinizou em grau maior que os demais e por isso traz aos demais atrelados a sua influência” (LOBATO, 1931/1956, p. 251). A nova resposta obtida por Lobato para o problema do Brasil é oposta às definições elaboradas até ali:

Sempre nos impressionou fundamente o fato de dois países de igual território, Estados Unidos e Brasil, situados no mesmo continente, descobertos ao mesmo tempo, colonizados com os mesmos elementos humanos, libertados do jugo da metrópole com pequena diferença de anos, alcançarem, um, fastígio da grandeza e a situação de primeiro entre todos os povos da terra, e o outro, nós, a triste posição de beco sem saída em matéria de enclacramento (LOBATO, 1956, p. 258).

Entretanto, a cruzada de Lobato pelo ferro e, mais tarde, pelo petróleo, pode significar mais do que aparenta. Conforme já vimos, ele viu ser dilapidada sua herança de membro da classe dominante, dadas as mudanças econômicas que retiraram dos quadros da elite dominante os fazendeiros de café do vale do Paraíba, da mesma forma que o fim da monarquia e a instauração da República desvalorizaram os capitais sociais do jovem neto de Visconde. Lobato foi levado à esfera de dominado entre os dominantes, estabelecendo-se como escritor e intelectual, embora ainda estivesse predisposto a interferir nos destinos econômico e político do país, como procurou fazer durante sua atuação na campanha sanitária. Apesar disso, a posição de destaque obtida no campo literário foi perdida na competição com os intelectuais autoproclamados “modernistas” que, conforme argumentou Passiani (2003), venceram Lobato na disputa pelo monopólio de bens simbólicos no campo literário, em parte auxiliados pela posição ambígua ocupada por Lobato – ao mesmo tempo, escritor e editor, homem de artes e homem de negócios.

Contudo, Lobato conseguiu recolocar-se como adido comercial nos Estados Unidos, nomeado pelo presidente Washington Luís, graças ao intermédio de Alarico Almeida, chefe da Casa Civil e amigo de Lobato (CAVALHEIRO, 1967, p. 286-289). A estada de Monteiro Lobato nos Estados Unidos acabou por produzir mais do que impressões de espanto no cérebro do novo adido comercial, pois acabava por oferecer ao herdeiro a herança da qual havia sido privado na juventude. Tal herança se relacionaria à possibilidade de tratar de assuntos restritos à elite dominante do país, os quais, para Monteiro Lobato, eram de importância capital para o futuro do Brasil. Ao sentar-se com executivos da *Ford*, em Detroit, e tomar conhecimento do *método Smith* para a fundição de ferro por meio de seu próprio criador, o metalurgista da *Ford*, Willian H. Smith, Monteiro Lobato tomou posse de uma herança da qual havia sido privado, ou seja, da possibilidade de atuar como agente na elaboração dos processos políticos e econômicos do Brasil.

Ao ser tomado por essa herança, mesmo que tardiamente, Lobato sentiu-se no dever de tomar para si a cruzada pelo ferro, condição indispensável para o desenvolvimento do Brasil, de acordo com as crenças do escritor, mas ignorada pelos brasileiros, mais preocupados com reformas políticas autoritárias e golpes de Estado, dos quais esperavam soluções mágicas. Nesse período, para Lobato, a questão férrea torna-se, definitivamente, central para os problemas do Brasil, à qual logo se liga o petróleo. O ferro seria necessário para criar as máquinas e o petróleo, para movimentá-las. Na introdução que escreve para *Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey, de 1936, mais tarde reproduzido em *Prefácios e Entrevistas* (LOBATO, 1936/1964), Lobato questiona-se sobre o ponto central para o desenvolvimento econômico do Brasil, a exemplo do progresso nos Estados Unidos

A resposta está na máquina, que multiplica a capacidade de trabalho do homem e, conseqüentemente, na posse da matéria-prima para a construção da máquina, uma vez que “[...] o homem aprende a derreter certas rochas que encontra na superfície do solo e a extrair uma coisa chamada ferro. Material maravilhoso de extrema rigidez e durabilidade – e desde então a matéria prima da máquina ficou sendo o ferro.” (LOBATO, 1964, p. 43). Depois de conquistada a arte de produzir máquinas de ferro só faltava ao homem dominar os meios combustíveis responsáveis pela movimentação dessas máquinas. Os países possuidores de maiores reservas de carvão foram os que mais se desenvolveram no mundo moderno, até o dia em que ele veio a ser substituído pelo petróleo.

Não podemos ignorar a radical mudança de perspectiva de Lobato em relação às causas responsáveis pelo subdesenvolvimento do Brasil. A causa racial, outrora apontada como razão primordial dos problemas do Brasil, baseada, ora na teoria neolamarckiana, ora na teoria mendeliana-darwinista, agora dá lugar a questões puramente econômicas. A sorte de possuir recursos minerais leva, quase que por si só, ao desenvolvimento, de forma que a Inglaterra conheceu sua glória e submeteu à sua vontade “homens de todas as cores” pela simples felicidade de ter, em seu território, grandes reservas de carvão mineral. O mesmo princípio estabeleceu as diferenças entre Brasil e Estados Unidos, países supostamente muito parecidos em sua formação histórica, política e racial, e que diferiam, quase que exclusivamente, pela posse e pela produção de ferro e petróleo para a industrialização.

Outro elemento de relevância fundamental para o entendimento do pensamento social brasileiro manifestado por Monteiro Lobato durante esse período histórico, é a definição que emprega para os diferentes grupos humanos distinguidos por sua nacionalidade, não mais em razão de sua raça. Os outrora apresentados como brancos, negros e mongóis, conforme consta em *O Presidente Negro*, são agora substituídos por termos políticos-nacionais, “do homem politicamente chamado inglês, americano, francês, alemão” (LOBATO, 1964, p. 43). Mais do que isso, Lobato substitui o termo raça por “tipos de elementos humanos”, e não raciais, quando compara o Brasil e os Estados Unidos, “[...] países de igual extensão territorial e povoados com os mesmos tipos de elementos humanos, europeu, negro e índio” (LOBATO, 1964, p. 48).

A posição social do Monteiro Lobato que retorna dos Estados Unidos é absolutamente diferente da posição do Lobato que fora nomeado adido comercial. Entre 1926 e 1930, ele perdeu, não só as ações que possuía na Companhia Editora Nacional, mas, praticamente, todas as suas posses materiais relevantes. Em contrapartida, adquiriu a posição de adido comercial, que o possibilitou interferir, pela primeira vez em sua vida, na conformação econômica do Brasil. Conheceu os meios avançados de produção nos Estados Unidos e, como escritor, a possibilidade de propagar as boas novas do mundo industrial por meio de jornais e livros, mesmo estando marginalizado e alheio à produção literária prestigiada artisticamente no Brasil, relegado à condição de tradutor e escritor de livros infantis, vencido pelos escritores modernistas (PASSIANI, 2003).

Em 1931, fundou com associados o *Sindicato Nacional de Indústria e Comércio*, na tentativa de promover a produção de ferro no Brasil por meio do *método Smith*. Acabou, porém, perdido em um emaranhado de interesses divergentes. Desistiu, então, da indústria siderúrgica e se lançou à campanha pelo petróleo, ainda em 1931, fundando, em 27 de dezembro, a *Companhia Petróleos do Brasil*, com capital oriundo da venda de ações ao público (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997). Como aconteceu com o ferro, a extração de petróleo por Lobato e seus associados encontrou resistências de parte de representantes do capital internacional e do Estado brasileiro, o que fez com que o autor escrevesse, tanto a introdução para *A Luta pelo Petróleo*, de 1936, quanto o livro *O Escândalo do Petróleo*, no mesmo ano. Além disso, dirigiu cartas diretamente ao presidente Getúlio Vargas, criticando as disposições do Código de Minas, as quais revogavam os registros de

jazidas de petróleo encontradas por empresas particulares, como a do próprio Lobato, e acusando os dirigentes do Departamento Nacional da Produção Mineral. O conteúdo dessas acusações, somadas ao conturbado cenário político do Estado Novo, anos mais tarde, levou à prisão de Monteiro Lobato pela Delegacia Especializada de Ordem Política e Social (DEOPS) por curtos períodos, em 1941 (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, p. 294-307).

Durante o período em que a ditadura manteve a censura sobre o que era escrito no Brasil, por meio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Monteiro Lobato absteve-se de escrever assuntos políticos e manteve-se centrado na produção de literatura infantil e traduções, trabalhos que acabaram por constituir sua principal fonte de renda. Em 1944, Lobato preparava a edição de *Obras Completas*, cujos livros seriam publicados pela editora Brasiliense, de propriedade de Caio da Silva Prado, Leandro Dupré, Hermes Lima, Artur Neves e Caio Prado Júnior. Mais tarde, em 1946, o próprio Lobato passou a ser sócio da empresa (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, 334). Os contatos com Caio Prado Júnior aconteceram, paralelamente, à sua aproximação ao PCB e à sua participação na fundação do Instituto Cultural Brasil-URSS, em 23 de julho de 1945. Lobato tornou-se diretor do Instituto, o qual contava com a participação de comunistas como Tarsila do Amaral, que atuava como bibliotecária, e Jorge Amado, que atuava como secretário. Naquele mesmo ano, Monteiro Lobato gravou áudio para o comício do PCB, no estádio do Pacaembu. Compareceram 130 mil pessoas, para saudar o recém-anistiado Luís Carlos Prestes (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETA, 1997, p. 338). A guinada de Monteiro Lobato para o comunismo torna-se mais evidente se observarmos com cuidado um trecho de uma entrevista que concedeu ao *Diário de São Paulo*. Segundo a reportagem, Lobato recebeu o repórter em sua casa e, em meio à conversa,

[...] abriu um folheto de capa amarela intitulado *Libero da Gleba*, da autoria de Robespierre de Melo e mostrou-nos uma decisão do Conselho Regional do Trabalho de Belo Horizonte, na qual se nega justiça a um jéca do município de Rio Novo, nos seguintes termos: “O trabalhador agrícola não está sob a proteção da legislação social-trabalhista brasileira”.

— Ora, continuou Lobato, quantos trabalhadores agrícolas há neste país? De 12 a 15 milhões- e estão fora da lei!...A nossa Ordem Social baseia-se na miséria, na penúria, na quase nudez e agora até no “outlawing” desses milhões de homens que produzem tudo quanto comemos e vendemos no exterior. A situação desses homens é exatamente a mesma dos félas do Egito, que morriam de miséria nos trigais das margens do Nilo para que os privilegiados de Alexandria e outras cidades vivessem em abundância. E se a esse pedestal jécoide juntarmos o nosso operário urbano, que também passa fome, teremos o quadro esquemático de nossa Ordem Social: uma massa imensa de carne dolorosa a sustentar umas tantas toneladas de carne gorda, feliz, contente- os ricos e abastados, eu, você, todos nós. Mas isso está no fim. Foi para atender a essa situação, que é geral no mundo, que o sonho socialista surgiu.

— É socialista?

— Não sou coisa nenhuma além de um observador da história (LOBATO, 1964, p 140-141).

Esse trecho da entrevista deixa evidente a nova perspectiva sobre o Jeca. Esses trabalhadores eram entendidos como miseráveis, submetidos à exploração quase servil, e não eram mais considerados como responsáveis por sua tragédia econômica. De certa forma, a avaliação sobre a condição do Jeca migra, de uma microanálise culturalista focada sobre o indivíduo e suas condições sociais cotidianas e regionais, para uma avaliação macro fortemente economicista, que considera que todos os males passam a ser derivados da estrutura social dividida entre os que trabalham e os que usufruem das benesses do trabalho.

ZÉ BRASIL E A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL

Mais uma vez, Lobato demonstra o grande apreço que tinha por Prestes naquele período. Isso nos ajuda a entender a última materialização que o autor faz do Jeca Tatu, agora chamado, não mais pelo apelido, mas pelo nome de batismo, José, e tendo por sobrenome *Brasil*. *Zé Brasil* foi lançado pela Editora Vitória, de propriedade do PCB, assemelhando-se em muito ao formato de *Jeca Tatu*: um panfleto com microcapítulos subdivididos por algarismos romanos.

Nesse sentido, a escolha do nome *Zé Brasil* parece ser significativa, tanto por sua posição ideológica, quanto por seu objetivo. Zé é a redução do nome José, nome masculino mais comum entre o povo brasileiro, representativo do homem simples; ao juntá-lo ao substantivo Brasil, Lobato generaliza a idéia e os problemas do Jeca Tatu para toda a extensão territorial do País, para todos os homens que vivem em iguais condições, denotando, também, que esses homens, ao contrário do que o discurso ufanista propagandeava, não eram minoria. (ABDALA, 2002, p. 63)

A história começa apresentando Zé Brasil e sua condição de vida de forma muito parecida com a que foi feita para apresentar o Jeca Tatu do Sanitarismo. O casebre onde morava o Zé Brasil era pobre, com mobília quase inexistente. Havia ali, além da espingarda e do santinho, um exemplar de *Jeca Tatu*, do Fontoura.

Zé Brasil era um pobre coitado. Nasceu e sempre viveu em casebres de sapé e barro, desses de chão batido e sem mobília nenhuma – só a mesa encardida, o banco duro, o mocho de três pernas, uns caixões, as cuias... Nem cama tinha. Zé Brasil sempre dormiu em esteiras de tábuas. Que mais na casa? A espingardinha, o pote d'água, o caco de sela, o rabo de tatu, a arca, o facão, um santinho na parede. Livros, só folhinhas – para ver as luas e se vai chover ou não, e aquele livrinho do Fontoura com a história do Jeca Tatu. Coitado deste Jeca!, dizia Zé Brasil, olhando para aquelas figuras. Tal qual eu. Tudo que ele tinha, eu também tenho. A mesma opilação, a mesma maleita, a mesma miséria e até o mesmo cachorrinho. Pois não é que meu cachorro também se chama Jolí? (LOBATO, 1964, p. 327)

Muito da descrição feita nos contos sobre o caipira reaparece aqui para definir o Zé Brasil. mas há uma nova definição da causa da miséria do caipira, como os problemas com as pragas naturais, por exemplo, as formigas:

Ah, estas formigas me matam! Dizia o Zé com cara de desânimo. Comem tudo que a gente planta.

E se alguém da cidade, desses que não entendem de nada desta vida, vinha com histórias de “matar formiga”, Zé dizia: “Matar formiga!... Elas é que matam a gente. Isso de matar formiga é só para os ricos, e muito ricos. A formicida está pela hora da morte – e cada vez pior, mais falsificada. E que me adianta matar um formigueiro aqui neste sítio, se há tantos formigueiros nos vizinhos? Formiga vem de longe. Já vi um olheiro que ia sair a um quilômetro de distancia. Suponha que eu vendo a alma, compro uma lata de formicida e mato aquele formigueiro ali do pastinho. Que adianta? As formigas do Chico Vira, que é o meu vizinho deste lado, vem alegrinhas visitar as minhas plantas” (LOBATO, 1964, p.327-328).

Lobato passa também por uma crítica aos “escrevedores” de jornal, políticos e doutores, ao censurar alguns pontos que ele próprio havia defendido no passado, especialmente a causa sanitarista:

A gente da cidade – como são cegas as gentes das cidades!... Esses doutores, esses escrevedores nos jornais, esses deputados, paravam ali e era só crítica: vadio, indolente, sem ambição, imprestável ... não havia o que não dissessem do Zé Brasil. Mas ninguém punha atenção nas doenças que derreavam aquele pobre homem – opilação, sezões, quanta verminose há, malária. E cadê doutor? Cadê remédio? Cadê jeito? O jeito era sempre o mesmo: sofrer sem um gemido e ir trabalhando doente mesmo, até não agüentar mais e cair como cavalo que afrouxa. E morrer na velha esteira – e feliz se houver por ali alguma rede em que o corpo vá para o cemitério, senão vai amarrado com cipó (LOBATO, 1964, p.329).

Mas o que Lobato considerava como o cerne da questão era a condição de exploração a que o caipira, sendo agregado, estava submetido. Além de ter que dividir sua produção com o proprietário de terras, o trabalhador rural encontrava-se em uma situação instável, pois a qualquer momento poderia ser “tocado” do lugar onde morava, sem direito de usufruir de parte de seu trabalho materializado na futura colheita:

Eu era “agregado” na fazenda do Taquaral. O coronel me deu lá uma grota, fiz minha casinha, derrubei mato, plantei milho e feijão.

De meias?

Sim. Metade para o coronel, metade para mim.

Mas isso dá, Zé?

Dá para a gente ir morrendo de fome pelo caminho da vida – a gente que trabalha e planta. Para o dono da terra é o melhor negócio do mundo. Ele não faz nada, de nada, de nada. Não fornece nem uma foice, nem um vidrinho de quina para a seção – mas leva metade da colheita, e metade bem medida – uma metade gorda; a metade que fica com a gente é magra, minguada... E a gente tem de viver com aquilo um ano inteiro, até que chegue tempo de outra colheita.

Mas como foi o negócio da fazenda do Taquaral?

Eu era “agregado” lá e ia labutando na grota. Certo ano tudo correu bem e as plantações ficaram a maior das belezas. O coronel passou por lá, viu aquilo – e eu não gostei da cara dele. No dia seguinte me “tocou” de suas terras como quem toca um cachorro; colheu as roças para ele e naquela casinha que eu havia feito, botou o Totó Urumbeva.

Mas não há uma lei que...

Zé Brasil deu uma risada. “Lei... Isso é coisa para os ricos. Para os pobres, a lei é a cadeia e se rezingar um pouquinho é o chanfalho” (LOBATO, 1964, p. 330).

A partir do momento em que a posse da terra aparece como empecilho central para o desenvolvimento econômico do caipira, a célebre distinção entre o Jeca pobre e o italiano próspero também é ressignificada:

E se você fosse dono das terras, aí dum sítio de dez ou vinte alqueires?

Ah, aí tudo mudava. Se eu tivesse um sítio, fazia uma casa boa, plantava árvores de fruta, e uma horta, e até um jardinzinho como o do Giusepe. Mas como fazer casa boa, e plantar árvores, e ter horta em terra dos outros, sem garantia nenhuma? Então não vende nem dá as terras – só arrenda? (LOBATO, 1964, p. 330-331).

Mais adiante, Monteiro Lobato oferece ao Zé Brasil a solução aprendida com Luís Carlos Prestes e Caio Prado Júnior:

Mas, Zé, se essas terras do Taquaral fossem divididas por essas cento e tantas famílias que já vivem lá, não acha que ficava muito melhor?

Melhor para quem? Para o coronel?

Não. Para o mundo em geral, para todos.

Pois está claro que sim. Em vez de haver só um rico, que é o coronel Tatuíra, haveria mais de cem arranjos, todos vivendo na maior abundância, donos de tudo quanto produzissem, não só da metade e o melhor de tudo seria a segurança, a certeza de que ninguém dali não saía por vontade dos outros, tocado como um cachorro, como eu fui. Ah, que grande felicidade! Mas quem pensa nisso no mundo? Quem se incomoda com o pobre Zé

Brasil? Ele que morra de doenças, ele que seja roubado, e metido na cadeia se abre a boca para se queixar. O mundo é dos ricos e Zé Brasil nasceu pobre. Ninguém no mundo pensa nele, olha para ele, cuida de melhorar a sorte dele... (LOBATO, 1964, p.331-332).

O autor apresenta ao caboclo o homem que pode tirá-lo da miséria e do sofrimento imposto pelos ricos: Luís Carlos Prestes. É o que o narrador esclarece a Zé Brasil, corrigindo também certa visão do caipira tem em relação ao comunismo.

Não é assim, Zé. Apareceu um homem que pensa em você, que por causa de você já foi condenado pela lei desses ricos que mandam em tudo – e passou nove anos num cárcere.

Quem é esse homem?

Luís Carlos Prestes...

Já ouvi falar. Diz que é um tal comunista que quer desgraçar o mundo, acabar com tudo...

Quer acabar com injustiça do mundo. Quer que em vez de um Tatuíra, dono de milhares de alqueires de terra e vivendo à custa dos que trabalham, homem prepotente que faz o que fez a você...

Que toca a gente...

Que toca, que manda prender e meter o chanfalho em quem resmungar, haja centenas de donos de sítios dentro de cada fazenda, vivendo sem medo de nada, na maior abundância e segurança.

Que beleza se fosse assim!

E por que não há de ser assim? Basta que vocês queiram. Se todos os que sofrem essa injustiça da falta de terras próprias, num país tão grande como este, se reunirem em redor de Prestes, a situação acabará mudando completamente (LOBATO, 1964, p.332-333).

Lobato ensina ainda ao pobre caboclo que a riqueza do mundo é produzida pelo trabalhador, o rural ou o operário das fábricas, e que Luís Carlos Prestes sonha em emancipar da exploração todos aqueles que trabalham e têm roubado o fruto desse trabalho.

Pois é o que Prestes quer. O sonho dele é fazer que todos os que trabalham na terra sejam donos de um sítio de bom tamanho, onde vivam felizes, plantando muitas árvores, melhorando as benfeitorias. E todos vivendo sossegados, sem receio de que um Tatuíra os toque e fique com tudo. É só isso o que Prestes e seus companheiros querem.

Mas por que então esse homem é tão guerreado?

Justamente por isso. Quem é que o guerreia? Os que trabalham na roça, como você? Os que sofrem a injustiça do mundo, como você? Os que nas cidades ganham a vida nos ofícios ou como operários de fábricas? Os que produzem tudo quanto existe no mundo? Não. Os que combatem Prestes e as idéias de Prestes não são os que trabalham e sim os que vivem à custa do trabalho dos outros.

Como aqui o coronel Tatuíra... Exatamente. São os Tatuíras que tomaram conta do mundo e como para eles está tudo bem, não querem mudança nenhuma.

Para eles está bom mesmo! Não precisam trabalhar e são donos de tudo, das terras, das casas, das fábricas....

... e do produto do trabalho dos outros. O mal está aí, Zé. No dia em que quem trabalha ficar dono do produto do seu trabalho, tudo entrará nos eixos e todos serão felizes. Mas isso de cem trabalharem para um só ficar com tudo, isso não está certo e tem de acabar.

Pois no Taquaral é assim. Cem famílias trabalham naquelas terras, como negros de eito, para que o coronel viva no macio, sempre lá pelas capitais, arrotando presunto. Do que essas famílias produzem, a parte que a elas cabe mal dá para não morrerem de fome e não andarem totalmente nuas. Se o Prestes quer mudar isso, esse homem merece a nossa aprovação (LOBATO, 1964, p. 333-334).

Por fim, os olhos do Zé Brasil abrem-se e ele percebe que, para o trabalhador, o bem maior virá com o comunismo, por meio da intervenção de Prestes apoiado pelos trabalhadores.

Agora estou compreendendo muito bem como é a coisa. Estou vendo que o nosso homem é esse Prestes. E que quem é contra Prestes e seus companheiros, só prova uma coisa: que não quer mudança nenhuma no mundo. Que quer que tudo fique como está.

— E acha justo isso, Zé? Acha justo que tudo fique como está, isto é, uns tendo tudo e a imensa maioria não tendo nada, de nada, de nada?

— Se eu achasse justo isso, eu tinha de dar razão ao coronel Tatuíra quando me tocou da grota e se apossou da casa que eu ergui com tanto trabalho e das roças que plantei e estavam tão bonitas. Ora, como é que eu poderei concordar com uma injustiça destas?

— Prestes! Prestes!... Por isso é que há tanta gente que morre por ele. Estou compreendendo agora. É o único homem que quer o nosso bem. O resto, eh, eh, eh! é tudo mais ou menos coronel Tatuíra... (LOBATO, 1964, p.335-336).

Essa é a última problematização que Monteiro Lobato faz do homem rural e do papel desse homem no processo de desenvolvimento econômico do Brasil. O “Jeca comunista”, ou sem-terra, é também o menos conhecido e menos citado. Foi escrito em uma época em que Lobato havia desistido de ser autor para adultos, margeado que estava pelo estabelecimento dos autoproclamados modernistas.

Lobato morreu no ano seguinte à publicação de *Zé Brasil*, sem tempo de investir, positiva ou negativamente, em sua nova versão de Jeca, personagem raso ao ponto de se aproximar mais de uma alegoria do que de um tipo literário, mas sociologicamente relevante. No entanto, o texto foi considerado, na época, como uma tomada de posição explícita do autor, pois ataca “[...] diretamente o monopólio da terra, após apresentar soluções indiretas e paliativas para o problema agrário” (ABDALA, 2002, p. 66),

CONCLUSÕES

A título de conclusões, ou inconclusões, mais ao gosto de Lobato, pode-se dizer que *Zé Brasil* insere-se em um processo histórico individual e coletivo do escritor, na medida em que, individualmente, a partir das experiências que teve a oportunidade de vivenciar e do olhar acurado e inquieto que o caracteriza, estava atento às mudanças e transformações históricas de seu contexto social e político.

Ao estudar a transformação do Jeca Tatu em *Zé Brasil*, portanto, deve-se considerar que o último emerge em um momento em que o escritor tem contato com ideais político-sociais que colocam o Jeca, não como parte do problema, mas como vítima. Além disso, é uma obra madura realizada no fim da vida do escritor. Para esse momento confluem o contexto histórico do país, a trajetória e os contatos e referências do autor e o que pode ser considerado, mais do que a revisão de um posicionamento, como resultado de uma visão historicamente construída.

Zé Brasil não é de modo algum um texto que pode representar o “apagar das luzes” de uma vida e produções tão intensas quanto as de Monteiro Lobato; ao contrário, esse livreto abre novas e múltiplos debates acerca das intenções e dos pensamentos do polêmico escritor.

REFERÊNCIAS

- Abdala, Rachel Duarte. (2002). Zé Brasil: a questão agrária e a questão literária. novas perspectivas de análise do livreto de Monteiro Lobato. In. IOKOI, Zilda Márcia Gricoli (org.) *História e Linguagens*. São Paulo: Humanitas.
- Azevedo, Carmen Lucia de; Camargos, Marcia; Sacchetta, Vladimir. (1997), *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Editora Senac.
- Passiani, Enio. (2003) *Na Trilha do Jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: EDUSC/ANPOCS.
- Sevcenko, Nicolau. (1999) *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense.
- Obras de Monteiro Lobato:
- Lobato, Monteiro. (1972). *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *América*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1972). *Cartas Escolhidas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (2010). *Cidades Mortas*. São Paulo: Editora Globo.
- Lobato, Monteiro. (1964). *Conferência, Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1968). *Na Antevéspera*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1956). *O Escândalo de Petróleo e Ferro*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1964). *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1968). *Mister Slang e o Brasil e Problema Vital*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1951). *Urupês*. São Paulo: Brasiliense.
- Lobato, Monteiro. (1947). *Zé Brasil*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória. Ilustrações de Percy Deanne.